



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## CIDADES DE 15 MINUTOS – Evolução de um conceito?

**Marcela Cargnin**  
ATITUS Educação

**Alina Gonçalves Santiago**  
ATITUS Educação

**Tháisa Leal da Silva**  
ATITUS Educação

### Sessão Temática 11: Novas interpretações possíveis para a questão urbana e regional

Resumo. O conceito de cidades de 15 minutos pode ser considerado recente, mas quando direcionado um olhar para a história do planejamento urbano é perceptível o progresso de diversos paradigmas que embasam esse conceito. Em 2016, Carlos Moreno, definiu o conceito de "cidade de 15 minutos" como um território urbano onde os habitantes podem acessar todas as suas necessidades básicas a uma caminhada de 15 minutos, sendo possível viver, trabalhar e ter espaços de lazer dentro de um raio confortável de caminhada. Neste artigo, este conceito é compreendido a partir de suas raízes na história de movimentos sociais urbanos que surgiram após o movimento moderno. Através de uma revisão de literatura, sobre reflexões e conceitos das obras de Ebenezer Howard, Clarence Perry, Jane Jacobs, Gordon Cullen entre outros. Pensar em cidades e bairros densos, com diversidade de usos e pessoas e que atendam às necessidades da população, fazem parte das ideias inovadoras apresentadas por Jane Jacobs desde 1960, por exemplo. Este artigo, reforça a ideia de que estabelecer princípios que reorganizem o espaço urbano, principalmente os bairros, como locais de interações sociais complexas, promovendo o bem-estar de dentro para fora destas regiões, pode refletir em uma cidade com maior qualidade de vida.

---

*Palavras-chave. Cidades de 15 minutos; Cidades Inteligentes e Sustentáveis; Requalificação urbana; Movimentos Sociais Urbanos; Planejamento Urbano.*

---

### 15 MINUTE CITIES – Evolution of a concept?

**Abstract.** The concept of 15-minute cities can be considered recent, but when looking at the history of urban planning, the progress of several paradigms that underlie this concept is noticeable. In 2016, Carlos Moreno, defined the concept of a "15-minute city" as an urban territory where inhabitants can access all their basic needs within a 15-minute walk, making it possible to live, work and have leisure spaces within a comfortable walking radius. In this article, this concept is understood from its roots in the history of urban social movements that emerged after the modern movement. Through a literature review, on reflections and concepts of the works of Ebenezer Howard, Clarence Perry, Jane Jacobs, Gordon Cullen, among others. Thinking about cities and dense neighborhoods, with a diversity of uses and people and that meet the needs of the population, are part of the innovative ideas presented by Jane Jacobs since 1960, for example. This article reinforces the idea that establishing principles that reorganize the urban space,

*especially the neighborhoods, as places of complex social interactions, promoting well-being from the inside to the outside of these regions, can reflect in a city with a better quality of life.*

**Keywords:** 15 minutes cities. Smart and Sustainable Cities. Urban requalification. Urban Social Movements. Urban Planning.

## 15 MINUTOS CIUDADES – ¿Evolución de un concepto?

**Resumen.** *El concepto de ciudades de 15 minutos puede considerarse reciente, pero al mirar la historia de la planificación urbana, se nota el avance de varios paradigmas que subyacen a este concepto. En 2016, Carlos Moreno definió el concepto de "ciudad de 15 minutos" como un territorio urbano donde los habitantes pueden acceder a todas sus necesidades básicas en 15 minutos a pie, lo que permite vivir, trabajar y tener espacios de ocio dentro de un cómodo paseo. radio. En este artículo se entiende este concepto desde sus raíces en la historia de los movimientos sociales urbanos que surgieron después del movimiento moderno. A través de una revisión bibliográfica, sobre reflexiones y conceptos de las obras de Ebenezer Howard, Clarence Perry, Jane Jacobs, Gordon Cullen, entre otros. Pensar en ciudades y barrios densos, con diversidad de usos y personas y que respondan a las necesidades de la población, son parte de las ideas innovadoras que presenta Jane Jacobs desde 1960, por ejemplo. Este artículo refuerza la idea de que establecer principios que reordenen el espacio urbano, especialmente los barrios, como lugares de complejas interacciones sociales, promoviendo el bienestar desde el interior hacia el exterior de estas regiones, puede reflejarse en una ciudad con mejor calidad de vida.*

*Palabras clave:* Ciudades de 15 minutos; Ciudades Inteligentes y Sostenibles; recalificación urbana; Movimientos Sociales Urbanos; Urbanismo.

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de globalização, o adensamento urbano e, atualmente, a crise gerada pela pandemia do novo Coronavírus, reforçam ainda mais a necessidade de que a sociedade busque soluções para enfrentar os desafios que os novos tempos estão impondo. Ao redor do mundo, diversas iniciativas de cidades inteligentes têm sido desenvolvidas (KON; SANTANA, 2016) em um ritmo surpreendente, buscando aumentar a competitividade das comunidades locais, através da inovação e visando proporcionar maior qualidade de vida para a população (APPIO et al., 2019). Este conceito já é discutido desde a década de 1990 (GIBSON, 1992), e, com o passar dos anos, ganhou definições mais holísticas.

Ao falar em sustentabilidade nas cidades, ressalta-se que o imperativo sustentabilidade emerge a partir da visão de que os recursos finitos que existem no mundo, não estão sendo utilizados de maneira adequada, para tanto deve-se criar a consciência que estes comportamentos devem ser descontinuados. Desta forma, o conceito de cidades sustentáveis, identifica que a mesma deve atender a objetivos que envolvem todas as esferas humanas, sendo elas: social, ambiental, cultural, político, econômico, e físico da população (LEITE; AWAD, 2012). Uma cidade sustentável para Leite e Awad (2012, p.135) deve seguir “O modelo de desenvolvimento urbano que otimiza o uso das infraestruturas urbanas e promove maior sustentabilidade” preocupando-se com a eficiência energética, redução do consumo de água, adequado planejamento de usos misto do solo, promovendo a interação entre funções urbanas como comércio, serviços e habitação (LEITE; AWAD, 2012).

Entre as diversas iniciativas que objetivam promover a qualidade vida das pessoas, em 2016, o professor Carlos Moreno, definiu um conceito chamado "cidade de 15 minutos", definindo como um território urbano onde os habitantes possam acessar todas as suas necessidades a uma caminhada de 15 minutos,

sendo possível viver, trabalhar e ter espaços de lazer dentro de um raio confortável de caminhada (MORENO, 2016). Desta forma, este artigo tem o objetivo de compreender a evolução do conceito de “cidade de 15 minutos”, acreditando que os parâmetros que fundamentam esta proposta têm origem da culminância de diversos urbanistas, arquitetos, pensadores que escreveram a história dos movimentos sociais urbanos, após o movimento moderno.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Os movimentos sociais urbanos

Em 1898, o urbanista britânico Ebenezer Howard publicou o livro *“To-morrow”*, que mais tarde, em 1902 na sua segunda edição foi chamado de *“Garden Cities of To-morrow”*, em português, Cidades jardim de Amanhã. Nesta obra, Howard propôs uma alternativa para as más condições de vida das pessoas que moravam nas cidades, descrevendo brevemente um diagnóstico sobre as consequências da superpopulação das cidades, principalmente em decorrência da migração provinda do campo, defendendo um modelo de cidade onde pessoas e natureza pudessem viver de forma harmônica (SABOYA, 2008).

Assim, Howard, apresentou os benefícios e os problemas de se viver no campo ou na cidade, caracterizando a cidade como um ambiente de socialização e oportunidades, porém, com problemas sérios nas condições de vida das pessoas em decorrência da alta população. Em contraponto, no campo era possível viver próximo da natureza, com abundância de água, sol e produção de alimentos, mas a falta de infraestrutura, vivências sociais e emprego, eram questões negativas. Destas observações surgiu uma alternativa chamada *Town-Country* (Cidade-Campo), unindo as potencialidades de cada um dos lugares (SABOYA, 2008).

Embora este pensamento tenha representado uma mudança na concepção que existia naquela época, influenciando o pensamento urbanístico que viria posteriormente, para Hall (2002), autores da época descreviam a Cidade-Jardim de forma equivocada. Esta interpretação descrevia o espaço urbano como um grande espaço isolado em uma grande área rural, quando na verdade a proposta de Howard (1902) era exatamente o contrário, onde as cidades fossem construídas dentro de distâncias menores, de maneira que, quando uma região atingisse sua densidade ao máximo, outra cidade seria criada cuidado para que uma área rural estivesse entre as duas. (HALL, 2002; SABOYA. 2008).

Em 1929, Clarence Perry detalhou o conceito de Unidade de Vizinhanças em uma monografia intitulada *“The neighborhood unit: a scheme of arrangement for Family life Community”* (ROLDAN, 2019). Tal conceito já havia sido apresentado por ele mesmo, em uma reunião em 1923 da *American Sociological Association*, tendo como base sua vivência como morador do bairro-jardim *Forest Hills Gardens*, criado no início de 1910 no distrito de *Queens* em Nova York, bairro este, construído a partir dos princípios de Ebenezer Howard (HALL, 1988; RIGO, 2017). A unidade de Vizinhança de Perry define que em um setor urbano a densidade populacional deve ser, somente a necessária para o funcionamento de uma escola primária estando ela a aproximadamente 800 metros das casas, de maneira que uma criança consiga se deslocar até a escola caminhando sem ter a necessidade de cruzar sequer uma via com maior tráfego (MUMFORD, 2000). Esta região, segundo o conceito, deveria acolher quatro usos essenciais:

Escola; área de lazer e parque; lojas, ainda que pequenas para incentivar o comércio local necessário; e o espaço residencial (REGO, 2017).

Seguindo as linhas de pensamento, Jane Jacobs, uma escritora e ativista política que foi casada com o arquiteto Robert Jacobs, publicou em 1961 o livro *"The Death and Life of Great American Cities"*, traduzido para o português no ano de 2000, como "Morte e vida de grandes cidades". Em sua obra criticou os fundamentos que norteavam o planejamento e reurbanização das cidades naquela época que eram baseados na ideia de edifícios isolados, zoneamento de funções e distanciamento na circulação de pedestres e veículos. As cidades naquele momento, segundo Jacobs, eram dominadas pelo individualismo e especulação urbana, e a qualidade de vida das pessoas e a energia da economia, dependiam da sobreposição de funções diversas e da interconexão de vizinhanças densas. Defendendo a retomada a observação das cidades reais por parte dos planejadores modernos, argumentado sobre a importância das diversidades nos usos das áreas urbanas de forma complexa e densa, sustentando a ideia de que uma cidade é feliz e segura quando as ruas são dominadas por pessoas em uma concentração suficientemente densa e quando existe a relação de cordialidade e amizade entre os moradores (MONTANER, 2007).

No mesmo ano, na Europa, Thomas Gordon Cullen arquiteto e paisagista inglês publicou *"Townscape"*(CULLEN, 2012), em português "Paisagem Urbana", onde discorre que assim como o agrupamento de pessoas cria outras atrações para a coletividade, o conjunto de edifícios gera maior atração visual que um edifício isolado. Sua publicação é considerada uma das leituras mais importantes referentes ao desenho urbano no século XX, pois reforça a importância de pensar no espaço urbano, considerando que os sentimentos de emoção e dramatismo que emerge nas pessoas, surge a partir de tudo que rodeia o homem, como as árvores, o céu os edifícios e a arte de relacionar-se. Em 1971 a nova edição do livro, nomeado *"The Concise Townscape"*, trouxe definições e aplicações. A primeira, Cullen descreve três categorias para investigar os impactos emocionais dos indivíduos, sendo eles: (1) Ótica; (2) Local e (3) Conteúdo. O Segundo, mostra exemplos concretos das três definições anteriores. (MARCHIGIANI, 2002).

Em 1980, Léon Krier em sua publicação "The Reconstruction of the European City", faz uma reflexão sobre o "Desenvolvimento e Progresso" da cidade moderna, enfatizando as questões negativas geradas pelo zoneamento funcional da cidade e pela sociedade industrial (ELLIN, 1996). Seguindo a cronologia, Donald Appleyard foi um importante professor de Design urbano, que, como urbanista preocupava-se com a comunidade e os problemas ambientais e da vida pública. Appleyard acreditava que as cidades e bairros precisavam tornar-se seguros e habitáveis (APPLEYARD, 1980).

Na história dos movimentos sociais urbanos, diversos estudiosos após a crise do movimento moderno, defendiam a necessidade de pensar na relação do homem com a cidade e o ambiente, como Jan Gehl (GEHL, 1987), arquiteto e urbanista dinamarquês que dedicou sua carreira a promover a qualidade de vida nas áreas urbanas, direcionando o planejamento urbano em favor de ciclistas e pedestres. Christopher Alexander em *"A City is not a Tree"* (ALEXANDER, 1965) com sua crítica a arquitetura moderna e o modelo de cidade funcional (ALEXANDER, 1965). Bill Hillier, na década de 80 criou a teoria da Sintaxe

Espacial, com a intenção de descrever aspectos importantes do sistema urbano, e suas relações entre espaço público e privado (SABOYA 2007) ou ainda Peter Calthorpe, arquiteto urbanista que foi membro fundador do Congresso para o Novo Urbanismo (MACEDO, 2007).

O novo urbanismo tem suas referências norte-americanas. Foi um movimento que se estabeleceu desde a década de 80, quando diversos urbanistas e escritores, através de suas obras, fizeram críticas a configuração das cidades na época (MACEDO, 2007). Estavam frustrados com a maneira que os padrões de desenvolvimento das cidades estavam se configurando, onde as moradias ficavam longe dos centros tradicionais e de vias principais. Assim, o movimento foi construído em torno do pensamento de que, o ambiente físico pode impactar diretamente na vida das pessoas, tornando mais ou menos prósperos e felizes os seus habitantes.

Em 1993, aconteceu o Congresso do Novo Urbanismo (CNU). Três anos após, foi lançada a Carta do Novo Urbanismo, estatelando parâmetros tangenciados pelo movimento, explorando meios para o desenvolvimento das cidades norte-americanas (MOREIRA, 2021). Nesta carta, está declarada a preocupação em defender a reestruturação de centros urbanos e cidades que estão em regiões metropolitanas; reconfigurar subúrbios extensos em comunidades de bairros; conservar ambientes naturais e preservar o legado construído. Para isso, a carta traz princípios a serem seguidos para orientar políticas públicas, boas práticas e planejamento do desenvolvimento e design urbano, pensando em três esferas: a região (metrópole, cidade e vila); o bairro, o distrito e o corredor; e o quarteirão, a rua e o prédio (CNU, 1996).

Desde sua validação, a Carta para o Novo Urbanismo tem influenciado planejadores e desenvolvedores de bairros e cidades, em todo o mundo. Em 2009, foi criado pelos membros da CNU, os Cânones de Arquitetura e Urbanismo Sustentável, criando princípios para orientar as tomadas de decisões relacionando a arte de construir comunidades e conservar os recursos naturais (CNU, 2021).

## *2.2 Porque é importante pensar em estratégias que versam sobre Cidades inteligentes e sustentáveis?*

O crescimento acelerado enfrentado por inúmeras cidades tem gerado diversas adversidades relacionadas ao tráfego, poluição e questões sociais. Tais problemáticas requerem maior atenção uma vez que as cidades são formadas por “sistemas complexos caracterizados por um grande número de cidadãos interconectados, empresas, diferentes modos de transporte, redes de comunicação, serviços e utilidades” (NEIROTTI, 2014, p.25). Segundo as Perspectivas Mundiais de População, publicadas pela ONU (2019), nos próximos 30 anos a população mundial deve crescer em cerca de 2 bilhões de pessoas, passando de 9,7 bilhões em 2050. Outro dado importante, está relacionado a população mundial que vive em áreas urbanas. As perspectivas mostram que até 2050, 70% da população viverá nas cidades, visto que atualmente este dado representa 55% da população (ONU, 2019).

A necessidade de buscar soluções que contemplem as demandas decorrentes desta rápida expansão estão cada vez mais recorrentes entre gestores, área acadêmica e população. A relevância de se pensar em ações que promovam o

desenvolvimento sustentável é enfatizada quando constatado que este crescimento urbano acontece em maior escala nos países em desenvolvimento, onde muitas vezes a população já vive em meio a centros urbanos com infraestrutura inadequada (ONU, 2013). As problemáticas mencionadas anteriormente, cada vez mais, são pauta para discussões entre planejadores urbanos, sociedade, e gestores, porém, está não é uma questão discutida somente nos tempos atuais.

### **3. METODOLOGIA**

O objetivo desta pesquisa é compreender a evolução do conceito de “cidade de 15 minutos”. Para isso, objetiva-se, especificamente, compreender o contexto histórico dos movimentos sociais urbanos que antecederam o conceito de cidade de 15 minutos, e que versam sobre os mesmos ideais; e revisar o estado da arte sobre o conceito de Cidades de 15 minutos. Assim, a metodologia adotada nesta pesquisa, é de caráter exploratório. A pesquisa científica estrutura-se em etapas metodológicas, que segundo Badin (2016) permitem seu melhor entendimento:

-Etapa I: A pesquisa bibliográfica possibilitou a compreensão e contextualização de conceitos que se relacionam à análise deste artigo, com o intuito de compreender brevemente a evolução dos conceitos que antecederam o conceito atual de cidade de 15 minutos. Tais referências originam-se de estudos já realizados e disponíveis em teses e dissertações acessadas a partir das plataformas Scopus Science e Google Scholar, além de notícias e informações publicadas em sites relacionados ao objeto de estudo desta pesquisa.

-Etapa II: Compilação, cruzamento das informações levantadas na etapa anterior, que permitiram a análise comparativa dos conceitos e suas principais relações.

- Etapa III: Conclusões e perspectivas observadas pelos autores.

### **4. ANÁLISES E DISCUSSÕES**

O conceito de cidade de 15 minutos pode ser considerado relativamente recente, mas quando direcionado um olhar para a história do planejamento urbano, é perceptível o avanço dos diversos paradigmas que embasam o conceito atual. Em 2016, o professor Carlos Moreno, definiu "cidade de 15 minutos", caracterizando-a como um território urbano onde os habitantes possam acessar todas as suas necessidades a uma caminhada de 15 minutos, sendo possível viver, trabalhar e ter espaços de lazer dentro de um raio confortável de caminhada (MORENO, 2016). Este conceito, ganhou maior ênfase e se popularizou quando a atual prefeita de Paris, Anne Hidalgo, o defendeu em sua campanha de reeleição, “Paris du Quart d’Heure”, ilustrada na Figura 01 (MANIFESTY; PARK, 2022). Esta proposta conquistou os cidadãos de Paris por ser uma ideia resiliente, pois a cidade assim como o mundo, havia sofrido as consequências causadas pela pandemia.

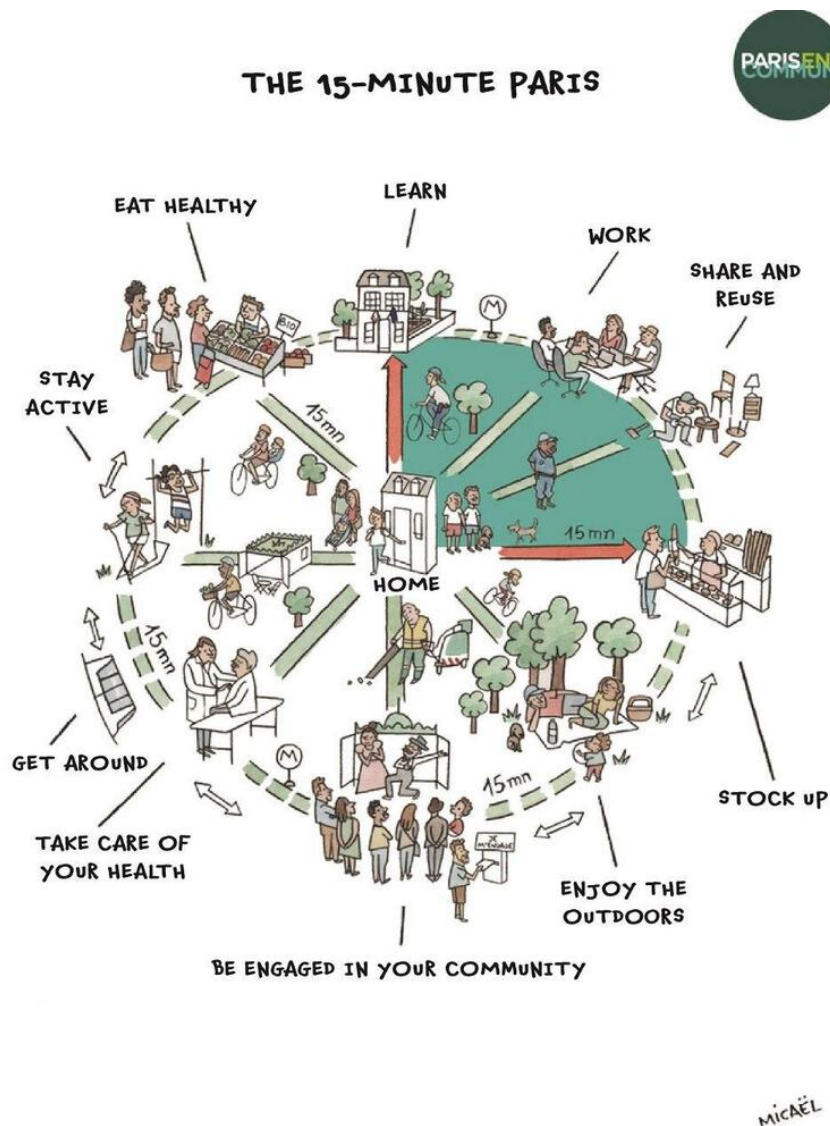


Figura 1 – O conceito de cidade em 15 minutos. (Fonte: Manifesty e Park, 2022).

Nesta ideia, Moreno (2016) defende que a qualidade de vida está relacionada ao tempo que as pessoas necessitam para atender suas necessidades básicas diárias, incluindo (a) morar, (b) trabalhar, (c) estudar, (d) cuidar da saúde, e (e) ter lazer e entretenimento. Desta forma, para que se consiga atingir estas cinco funções essenciais é necessário construir paisagens urbanas mais saudáveis, promovendo a interação e participação dos moradores que fortalecem os laços sociais e de confiança. A partir desta abordagem, o conceito de Cidade de 15 minutos aborda quatro dimensões necessárias para uma cidade de curtas distâncias, que podem ser impulsionadores para a implantação de medidas para redesenhar as cidades, sendo elas: (a) Densidade, (b) Proximidade, (c) Diversidade e (d) Digitalização (Figura 2).



Figura 2 – A estrutura da cidade em 15 minutos. (Fonte: Manifesty e Park, 2022).

Segundo Garnier e Moreno (2020) o “*Livre Blanc no 2. La ville du 1/4 d’Heure. Du concept à la mise en œuvre*”, as dimensões são definidas como segue:

(a) **Densidade:** relaciona a quantidade de pessoas por quilômetro quadrado. Esta perspectiva de densidade ideal, é um elemento chave para promover a sustentabilidade das cidades na dimensão social.

(b) **Proximidade:** é uma dimensão fundamental para este conceito, vista como temporal e espacial. Ela considera dentro de um raio de 15 minutos, a possibilidade de o morador acessar os serviços listados como básicos, a uma curta caminhada (ou de bicicleta). Espaços urbanos compartilhados, áreas de relaxamento, parque infantil, *placemaking* e arranjos temporários, valorização do patrimônio local e equipamentos públicos que valorizem a cultura e promovam o aprendizado e o esporte.

(c) **Diversidade:** defende os usos mistos dos bairros. Para manter o tecido urbano em atividade, mesclar os usos de comércio, moradia e lazer, garante a vitalidade da região além de favorecer a proximidade. Outro ponto importante neste item é o incentivo à diversidade cultural nos bairros, através de ofertas mistas de serviços que além de ajudar na economia local, auxilia na redução das desigualdades sociais. Esta dimensão, caracteriza-se pelos eixos de ação: Sociabilidade através de redes de vizinhança, inclusão e participação cidadã; Atividades de diversidade no setor de negócios, reindustrialização, serviços públicos; Cronotopia através da diversidade funcional de edifícios; Igualdade entre mulheres e homens nos espaços públicos e serviços e segurança para todos.

(d) **Digitalização:** está alinhado ao conceito de cidades inteligentes. A inclusão de novas tecnologias que viabilizam as atividades cotidianas como: compras online, pagamento de contas, acesso à informação, compartilhamento de bicicletas e carros, entre outros. Estes serviços reforçam a hiperproximidade.

O conceito defendido por Moreno, está vinculado a conceitos antecedentes como o “cronourbanismo”, que prioriza a qualidade das vidas das pessoas, através de abordagens holísticas, participativas e inclusivas; “Topofilia”, “Novo Urbanismo”, “*Placemakin*”, “Cronotopia” e “Urbanismo tático”. Sobre estes



conceitos. O Cronourbanismo, com foco na qualidade de vida das pessoas. A hiperproximidade com ênfase em um conceito binário (está próximo/ não está próximo) e multimodal (bicicleta e mobilidade elétrica pessoal são adicionadas), capaz de expandir a cobertura da unidade de vizinhança (1/4 de milha ou 5 minutos caminhada). A Cronotopia, utilizando ao máximo os recursos do espaço público e de equipamentos públicos que já existem, evitando construir novos, recorrendo ao urbanismo tático tornando a cidade acessível e viável (DAUDÉN; PINEDO; MORENO, 2022).

O Urbanismo Tático que diz respeito a intervenções pontuais que promovem o direito à cidade, pensadas junto com a sociedade civil para propor alternativas ao processo tradicional de projeto dentro da esfera urbana (NOGUEIRA, 2016). O termo Placemaking promove a compreensão de que a construção de lugares não deve ser vista apenas como “Placemaking” (traduzido para o português como “fazer lugares”), ou seja, construir comunidades, mas sim buscar linhas que busquem atender a necessidades de diversas pessoas buscando recursos que promovam a apropriação do espaço. E a Topofilia, segundo Yi-Fu Tuan em seu livro “*Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*” (TUAN, 1974), trata a relação do homem com seu ambiente e as cidades, relacionando o meio ambiente físico com o imaginário social, relacionando a paisagem, cultura e memória, além da vivência individual e a visão de mundo.

## CONCLUSÃO

A pandemia da COVID-19 revelou a vulnerabilidade das cidades, fazendo-nos repensar de forma enérgica medidas para conter a propagação do vírus, adaptando a rotina da população com novos hábitos, para que suas atividades básicas fossem garantidas. Este pensar radicalmente a vida nas cidades, fez ressurgir o conceito proposto por Moreno (2016). Conforme foi apresentado neste artigo, a preocupação com cidades que priorizam as pessoas ao invés de veículos, é um assunto discutido amplamente ao longo de anos.

Pensar em cidades e bairros densos, com diversidade de usos e pessoas e que atendam às necessidades da população, fazem parte das ideias inovadoras apresentadas por Jane Jacobs desde 1960, por exemplo. Segundo Jan Gehl, “O natural ponto de partida do trabalho de projetar cidades para pessoas é a mobilidade e os sentidos humanos, já que estes fornecem a base biológica das atividades, do comportamento e da comunicação no espaço urbano (GEHL, 2013, p.33). Com a pandemia que o mundo viveu em 2020, reforçou ainda mais a necessidade de pensar em “cidades para pessoas” como Gehl aborda em seu livro (GEHL, 2013). A pandemia mostrou a importância de se ter espaços de qualidade ao ar livre em prol de uma melhor qualidade de vida. Despertou nas pessoas sentimentos que pareciam óbvios, mas que muitos não valorizavam, como a importância do contato com as pessoas e de se viver em comunidade. O valor de se ter acesso a serviços básicos como saúde, educação, lazer e transporte, a distâncias que podem ser realizadas com uma caminhada confortável ou mesmo de bicicleta, é algo necessário e possível. Todas estas relações são abordadas pelo conceito de cidades de 15 minutos. Embora esta maneira de pensar cidades ou bairros, não seja algo simples de implantar, esse conceito é muito amplo, e muito mais do que uma diretriz para se projetar espaços urbanos, este conceito reflete um estilo de vida que promove hábitos ambientalmente amigáveis. A ideia de bairros mais densos capazes de

reconectar as pessoas a estas áreas locais estabelecendo a vida da cidade, são escopo desta abordagem que, em termos gerais são baseados em atributos já discutidos no passado por outros escritores, arquitetos, urbanistas, etc., onde a mistura de usos, densidade, acessibilidade e caminhabilidade já eram diretrizes para desenhar uma cidade ideal. Na cidade de 15 minutos é acrescentada a proximidade, que não confronta necessariamente com a acessibilidade, e sim, coloca em destaque a autossuficiência de um bairro, de maneira que seja oferecida uma ampla gama de serviços e usos nesta área ao invés de oferecer meios de deslocamento mais eficientes, como transporte público, para ter acesso a tais serviços em outras regiões da cidade.

Todas as ações de reordenação do espaço que o conceito sugere geram questões técnicas que precisam ser pensadas antes de implantar tais diretrizes, redistribuir as funções do bairro considerando princípios geográficos, econômicos e sociais, como limite de populações e quantidade de mercados, farmácias escolas etc. além de reorganizar as leis municipais. Outro ponto relevante é o fato de que, ter acesso facilitado a estas regiões e aos núcleos de hiperproximidade gerados, pode contribuir com o processo de gentrificação e especulação imobiliária nestas regiões. Cabe ressaltar também, mesmo que neste artigo não tenha sido abordado, as questões relacionadas ao hiperlocalismo que, segundo alguns autores é a dificuldade de implantar estes conceitos em cidade menores ou com menor poder aquisitivo e ainda, resolver questões de segregação social, ficando estas problemáticas como sugestão para próximos estudos.

Toda mudança precisa ser em primeiro lugar difundida para que as pessoas possam assimilá-la. Por este motivo, este artigo justifica sua importância, pois incentiva as discussões sobre um assunto que impacta na maneira como as pessoas irão se posicionar diante dos desafios atuais. O conceito apresentado, não é uma proposta nova, mas sim, a culminância de diversos anos de estudos e reflexões para proporcionar maior vitalidade e qualidade às cidades e às pessoas que a habitam. Estabelecer princípios que reorganizem o espaço urbano, principalmente os bairros, como locais de interações sociais complexas, promovendo o bem-estar de dentro para fora destas regiões, pode refletir em uma cidade com maior qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher. A city is not a tree. **Ekistics**, v. 139, p. 344-348, 1965.

APPLEYARD, Donald. Ruas habitáveis: bairros protegidos?. **ANNALS da Academia Americana de Ciências Políticas e Sociais**, v. 451, n. 1, pág. 106-117, 1980.

APPIO, Francesco Paolo; LIMA, Marcos; PAROUTIS, Sotirios. Understanding Smart Cities: Innovation ecosystems, technological advancements, and societal challenges. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 142, p. 1-14, 2019.

CNU. **The Charter of the New Urbanism**. Congress for the New Urbanism. 2022. Disponível em: <https://www.cnu.org/who-we-are/charter-new-urbanism>.

CULLEN, Gordon. **Concise townscape**. Routledge, 2012.

DAUDÉN, Francisco José Lamiquiz; PINEDO, José Carpio; MORENO, Manuel Benito. Genealogía de la ciudad de 15 minutos: aproximación a los conceptos. **Cuadernos de investigación urbanística**, n. 142, p. 29-39, 2022.

ELLIN, Nan. *Urbanismo pós-moderno*. Cambridge; Blackwell, 1996.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIBSON, David. ; KOZMETSKY, George; SMILOR, Raymond. The technopolis Phenomenon: Smart Cities, Fast Systems, Global Networks, Rowman and Littlefield. New York, 1992.

HOWARD, E. **Cidades-Jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

HALL, P. **Cities of tomorrow: an intellectual history of urban planning and design in the twentieth century**. 3rd ed. Oxford, UK?; Malden, MA: Blackwell Publishers, 2002.

Hall, P. (1988). *Cidades do amanhã*. São Paulo: Perspectiva.

KON, Fabio; SANTANA, Eduardo Felipe Zambom. Cidades Inteligentes: Conceitos, plataformas e desafios. *Jornadas de atualização em informática*, v. 17, 2016.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana di Cesare Marques. *Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano*. Bookman, 2012.

MACEDO, Adilson. A Carta do Novo Urbanismo norte-americano. *Vitruvius*, São Paulo, 082.03, ano 07, mar.2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/262>.

MARCHIGIANI, Elena. Gordon Cullen, *Townscape*, 1961: i molteplici paesaggi della percezione. In: BIAGI, Paola Di (org.) *I classici dell'urbanistica moderna*. Roma: Donzelli, 2002.

MANIFESTY, Odilia Renaningtyas; PARK, Jin Young. A Case Study of a 15-Minute City Concept in Singapore's 2040 Land Transport Master Plan: 20-Minute Towns and a 45-Minute City. **International Journal of Sustainable Transportation**, v. 5, n. 1, p. 1-11, 2022.

MONTANER, Josep Maria. *Arquitectura e Crítica*. Barcelona: Gustavo Gili, 2007. p. 93.

MORENO, Carlos. **La ville du quart d'heure : pour un nouveau chrono-urbanisme**. 2016. Disponível em: <https://www.latribune.fr/regions/smart-cities/la-tribune-de-carlos-moreno/la-ville-du-quart-d-heure-pour-un-nouveau-chrono-urbanisme-604358.html>. Acesso em: 21 out. 2022.

MOREIRA, Susanna. **O que é o Novo Urbanismo?** 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/955574/o-que-e-o-novo-urbanismo>.

Mumford, E. (2000). *The CIAM discourse on urbanism, 1928- 1960*. Cambridge: The MIT Press.

Neirotti, P., De Marco, A., Cagliano, A. C., Mangano, G., & Scorrano, F. (2014). Current trends in Smart City initiatives: Some stylised facts. *Cities*, 38, 25-36. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2013.12.010>

NOGUEIRA, Pedro Caetano Eboli; PORTINARI, Denise Berruezo. Urbanismo tático e a cidade neoliberal. *Arcos Design*, v. 9, n. 2, p. 177-188, 2016.

ONU. **População mundial deve chegar a 9,7 bilhões de pessoas em 2050, diz relatório da ONU**. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/83427-populacao-mundial-deve-chegar-97-bilhoes-de-pessoas-em-2050-diz-relatorio-da-onu>.

ONU. **ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050 | ONU News**. 2019. Disponível em: <https://unric.org/pt/onu-preve-que-cidades-abriguem-70-da-populacao-mundial-ate-2050/>.

ONU – Organização das Nações Unidas. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável. 2020. <Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>.

REGO, Renato Leão. Unidade de vizinhança: um estudo de caso das transformações de uma ideia urbanística. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 9, p. 401-413, 2017.

SABOYA, Renato T. de. **Sintaxe Espacial**. 2007. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2007/09/03/sintaxe-espacial/>. Acesso em: 26 out. 2022.

SABOYA, Renato T. de. **Ebenezer Howard e a Cidade-Jardim**. 2008. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2008/10/13/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>. Acesso em: 28 out. 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. SciELO-EDUEL, 2012.

Université Paris 1 Panthéon Sorbonne CHAIRE ETI - IAE PARIS, Livre Blanc no 2. *La ville du 1/4 d'Heure. Du concept à la mise en œuvre*. Paris, 2020. Accessed: Jul. 12, 2021. [Online]. Available: <http://chaire-eti.org/wp-content/uploads/2020/11/Livre-blanc-ville-du-quart-d-heure.pdf>